



Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

# Marx e o Marxismo 2011: teoria e prática

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 28/11/2011 a 01/12/2011

TÍTULO DO TRABALHO			
<b>Esporte em Democracia: a gênese do político</b>			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
<b>Francisco Máuri de Carvalho Freitas</b>	Universidade Federal do Espírito Santo	UFES	Professor
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
<p>O objetivo desse trabalho é contribuir para a reflexão política e ideológica sobre os esportes, utilizados como meio de despolitização da vida pública. A lógica dos esportes no capitalismo se resume ao compromisso alienado com os 42.195 metros de uma delirante maratona ou com os 90 minutos de uma partida de futebol. Outra lógica esportiva é fundada no compromisso político com a causa da emancipação política e humana dos trabalhadores. A subordinação permanente do trabalho é o fulcro da política que elabora programas públicos de esportes não voltados à centralidade do trabalho, mas à centralidade do lucro. Mantida a dominação do capital sobre o trabalho, os esportes sofisticados (pára-quedismo, asa-delta etc., próprios à criançada burguesa) permanecerão como objetos de desejo da criançada pobre. Os esportes ensinados aqui são, em sua essência, praticados sob um individualismo e a mais constrangedora competição. Os projetos de políticas públicas de esportes objetivam vencer a qualquer custo. Os atletas olímpicos são transformados em "outdoors" ambulantes e vendedores de ilusões e prestam um desserviço aos trabalhadores que os sustentam. O pleno acesso aos esportes só acontecerá quando os operários e trabalhadores definirem os rumos da Nação. Pensar os esportes fora das relações sociais de produção e do modo capitalista de produção da existência, isto é, escoimado da política que por definição nada teria a ver com as diversas manifestações esportivas, é uma mistificação, ilusão. E se as coisas nos parecem grandes deve ser porque continuamos de joelhos. Então, levantemo-nos!</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Marxismo, mistificação política, esporte espetáculo.			
ABSTRACT			
<p>The aim of this paper is to contribute to the debate on political and ideological sports, used as a means of depoliticization of public life. The logic of capitalism in sports comes down to compromise alienated with 42,195 meters of a marathon or delirious with 90 minutes of a football match. Another logical sport is founded on a political commitment to the cause of political emancipation and human workers. The subordination of the permanent work is the focus of public policy that produces sports programs not focused on the centrality of work, but the centrality of the profit. Maintained the domination of capital over labor, sophisticated sports (skydiving, hang gliding etc., Fit the bourgeois kids) will remain as objects of desire of poor children. Sports taught here are, in essence, done under a more compelling individualism and competition. The public policy projects aim sports win at all costs. Olympic athletes are transformed into "out-doors" hawkers and vendors of illusions and a disservice to workers who support them. Full access to sports only happen when the workers and employees to define the direction of the nation. Thinking outside the sports production and social relations of the capitalist mode of production of existence, ie, purge policy which by definition has nothing to do with the various sporting events, is a deception, illusion. And if things seem to be great because we go to his knees. So let us rise!</p>			
KEYWORDS			
Marxism, political mystification and sports performance.			

## INTRODUÇÃO

Paradoxais, os políticos discursam para os pobres, enquanto na prática ajudam a privatizar a República trabalhando para os capitalistas. E não é por acaso que o perverso desenvolvimento do capitalismo contribui de forma incontornável para a erosão dos fundamentos da democracia

acentuando o fosso entre exploradores e explorados.

Neste quadro, a matéria paga veiculada na Revista TAM (Ano 04, nº 45, setembro de 2011, p. 89) em troca de favores, intitulada “*Não é mais o pobre correndo atrás da ajuda do Estado. É o Estado chegando onde a pobreza está*”, segundo a qual “nos últimos anos 28 milhões de brasileiros saíram da pobreza e 39 milhões entraram para a classe média” é puro exercício de demagogia eleitoral. O critério para determinar o que vem a ser classe média é puramente econômico e não o papel que esse seguimento social ocupa no processo produtivo. Neste sentido, o que determina pertencer à classe média é perceber mensalmente um salário entre dois salários mínimos (R\$ 1.090,00) e dez salários mínimos (R\$ 5.450,00).

Se a população deste país gira em torno de 190 milhões de pessoas, se 16 milhões vivem na pobreza extrema, se 28 milhões de brasileiros saíram da pobreza (sem que se saiba bem para onde?) e se 39 milhões entraram para a classe média (qual o total da classe média), os 117 milhões que faltam são compostos de capitalistas, trabalhadores e trabalhadoras, aposentados, aposentadas e crianças, neste caso há algo de errado, pois os números dados pelo governo apenas encobrem a realidade: aumenta o fosso entre os ricos e os pobres!

A política em andamento neste país, notadamente após 1985, insistentemente põe delinquentes de luxo em cargos públicos, incentiva a violência, a mentira, a demagogia, a garrulice, a soberba e a corrupção, transforma o país inteiro num pardieiro, onde a aguda ironia distorce o respeito à lei e à autoridade procurando garantir a moderna escravidão assalariada.

É tarefa da crítica, pois, tarefa de um homem de partido, aqui e agora, afirmar que *urbi et orbi* os componentes efetivos do aparato burocrático esportivo permanecem vergados diante do poder que sucateia e privatiza a educação e mercantiliza princípios, a saúde e os esportes.

Produto da cena política brasileira a política pública de esportes não está centrada nas reais demandas da classe trabalhadora, e nem voltada à construção de uma nova sociedade onde a dimensão política do trabalho pedagógico, via esportes, teria por objetivo demonstrar a necessidade de demolição do poder da burguesia e garrotear seus intelectuais, demonstrando ainda que os esportes não estão à margem da vida, nem à margem da política.

Afirmar os esportes como instituição à margem da política é uma falsa afirmação, e se a burguesia e seus agentes defendem essa tese é porque procuram impor:

Sua própria política burguesa ao sistema de ensino e tratou de reduzi-lo à formação de servidores dóceis e diligentes da burguesia, tratou de reduzir de cima abaixo, inclusive a educação geral à formação de escravos e executores da vontade do capital, sem se preocupar jamais de fazer da escola um instrumento de educação da personalidade humana (LENIN, V. I. *Discurso pronunciado no II congresso nacional de professores internacionalistas*. Obras Completas em cinquenta e cinco volumes, v. 37. 5.ed. Moscou: Progresso, 1986, p. 446).

Da Grécia clássica aos dias de hoje não existe esportes à margem da política. A política no meu entender é o exercício do poder de uma classe sobre a outra ou expressão concentrada da economia, esta esposada por Lenin é atual e veraz à medida que a política econômica aplicada no Brasil é *visível e inegavelmente traçada* pelas agências econômicas do imperialismo, tais como Fundo Monetário Internacional - FMI, Banco Mundial, Organização Mundial do Comércio - OMC.

Segundo o sociólogo Fausto Arruda a atual política econômica brasileira é levada a termo pelos “*fmiboys, birdboys e ciolsboys*, ou seja, moleques do FMI e da CIOLs, essa é a origem dos ocupantes da gerência do sistema de governo semi-colonial brasileiro” (ARRUDA, F. *FMI manda PT obedece*. Jornal A Nova Democracia, Ano IV. Nº 28, Janeiro de 2006).

Os esportes enquanto construções históricas politicamente determinadas e geograficamente situadas não são imunes à política, expressam as idéias, valores, conceitos e preconceitos dominantes que, a rigor, são as idéias, valores, conceitos e preconceitos da classe dominante. E um desses preconceitos advoga que os esportes nada teriam a ver com a política, seriam, portanto, neutros, desideologizados e despolitizados.

Contrariando o senso comum vigente, os esportes (somados à religião e ao carnaval) na cidade do capital são uma espécie de *narcótico do povo*, narcose necessária à exploração do homem pelo homem sem sobressalto, sem resistência.

Ao longo da história os governos brasileiros fizeram / fazem uso da educação como panacéia aos males produzidos pela sociedade de classe e à medida que falha o projeto educacional retomaram / retomam a velha proposta do “*pão e círculo*” passando a usar os esportes como meio de entretenimento das massas exploradas / extorquidas.

No século XX diante de claras demonstrações de esgotamento do messianismo da educação escolar os esportes foram / são usados como reforço do discurso conservador e da prática reacionária. É incontestável que os governos federal, estadual e municipal, da direita à *esquerda não comunista*, fizeram / fazem uso dos mesmos esquemas narcotizantes, demagógicos e eleitoreiros, predados em passado recente, predicando no século XXI os esportes como meio de *inclusão social*. Nada mais falso, nada mais hipócrita!

Na política pública de esporte vigente, melhor dizendo, de autoria e propagandeado pela gerência PT-FMI, voltada à *inclusão social*, o governo federal, apesar dos escândalos do Ministério dos Esportes (agora sob a batuta de um “comunista” e “esperto” em esportes) contempla as demandas de grande conglomerados de indústrias multinacionais com a realização da Copa 2014 e das Olimpíadas de 2016. Estes megaeventos representam uma danosa sangria dos cofres públicos de mais de R\$ 40 bilhões de reais para injetar sangue novo nas exangues empresas multinacionais, em franco prejuízo dos direitos do povo à educação e saúde.

Aquele que acredita ser possível libertar os trabalhadores e os camponeses pobres da miséria por intermédio de políticas estatais de esportes ou que acredita que os esportes podem servir como meio, mecanismo, tática ou instrumento de inclusão social, apenas desconhece minimamente as causas determinantes da miséria, da penúria, da opressão, do desemprego, da fome, enfim, desconhece as causas da exclusão social sob a qual está condenada a imensa massa do povo na cidade do capital.

O crente não compreende que o governo federal da República brasileira, aliciado pela burguesia internacional, rendeu-se ao capital de bandeira imperialista em detrimento dos trabalhadores brasileiros (os que estão no mercado de trabalho e os que foram alijados dele) e como pano de fundo usa os esportes (Copa de 2014 e Olimpíada de 2016) transformados em mercadorias, para desviar as atenções dos pífios resultados da política econômica em andamento neste país desde os idos de 1994. Os gastos projetados para a construção e reforma dos estádios onde acontecerão os jogos da Copa do Mundo de Futebol de 2014 já subiram mais de 300% (Disponível em [www.copa2014.org.br](http://www.copa2014.org.br). Acesso em 06 de novembro de 2011).

### **INCLUSÃO SOCIAL E O *DOLCE FAR NIENTE*?**

Os esportes como instrumentos de *inclusão social* alardeados pelo governo central com o apoio de intelectuais transfugidos da esquerda para a direita, jornalistas e professores de educação física acrílicos é uma farsa e um magno estelionato, à medida que não discutem as causas da exclusão ou dos obstáculos à *inclusão social* como direito constitucional do cidadão e dever do Estado.

Deixando de fora a discussão sobre a mediatidade fenomênica, o fenômeno da *inclusão social* terá pernas curtas e vida breve, posto que, como disse, as causas / obstáculos à realização dos direitos constitucionais de todos não foram explicitados, nem atacados e erradicados. Mais uma vez os esportes são chamados para servir de mecanismo de arrefecimento da insatisfação popular e de uma possível revolta generalizada contra o poder central e, por extensão, contra o poder do capital.

Os esportes, como a escola, não servem aos propósitos instrumentais e revolucionários da classe trabalhadora, pois como diria o velho oráculo e filósofo alemão do século XIX, as idéias espargidas pelos esportes são as idéias dominantes de cada época, isto é, as idéias da classe dominante. As teorias dos esportes atendem as demandas intelectuais e econômicas da burguesia na medida em que justificam a competição e ratificam o individualismo animalesco.

Os esportes na cidade do capital, e não poderia ser de outra forma, na escala superestrutural corroboram a concepção de mundo e os dissolutos interesses estratégicos e de longo prazo da burguesia industrial, fundiária e financeira.

Ao falar sobre a política estatal de esportes, quem o faz deveria explicar que ainda hoje neste país mais de 70% milhões dos homens e das mulheres trabalhadores permanecem na pobreza e na penúria, criam diuturnamente com seu trabalho e seu suor as riquezas e o luxo suntuário que os ricos desfrutam no *dolce far niente*.

O Brasil como todo país capitalista é paradoxal. Nele a riqueza, a abundância e a ostentação caminham passo a passo com a pobreza, o desemprego e a miséria. Em sua população de mais 190 milhões de brasileiros, há 26 milhões de miseráveis, 30 milhões de pobres (insanamente apontados como classe média!) e 60 milhões de quase pobres ou remediados (desprovidos de recursos que atendam o *minimo minimorum* das suas necessidades básicas, pois, segundo o DIEESE o salário mínimo necessário em agosto de 2011 deveria ser igual a R\$ 2.278,77 reais<sup>1</sup>), dentre estes há 41 milhões de seres humanos que vivem sobre a ditadura da insuficiência alimentar. Sobre as conseqüências desse quadro penso que não preciso me reportar.

Somados os miseráveis e os pobres são 110 milhões de brasileiros excluídos dos avanços da ciência e dos resultados da tecnologia. Milhões de brasileiros, ontem ignorados, hoje são engabelados pela mistificação da propaganda política tipo “fome zero”, “bolsa família”, “primeiro emprego”, “pró-jovem”, “prouni” dentre outras ações cosméticas do plano “Brasil sem miséria” cujas causas permanecem ocultas.

Quarenta e um milhões de brasileiros sofrem de insuficiência alimentar. Vidas humanas desperdiçadas pelo descaso descarado dos governos que se sucedem sucessivamente e pela corruptocracia que se instalou neste país. Essa é a realidade brasileira que a imprensa, a mídia, a escola e os eventos esportivos não revelam:

Camponeses são expulsos da terra, morrem de fome. Operários vagueiam pelas ruas sem trabalho. Desempregados vinculam-se ao tráfico e são mortos, ou passam à mendicância, mortos vivos. Enquanto isto a burguesia fundiária exporta milhões de toneladas de trigo, milho, soja, carne, frango etc. A burguesia industrial demite e ameaça parar suas indústrias em virtude da não venda de suas mercadorias aos preços que lhes são mais convenientes.

Um quadro dantesco sem freios e sem contraponto, sem obstáculo concreto. E é assim porque a totalidade absoluta dos operários e dos trabalhadores assalariados brasileiros continua trabalhando para um punhado de magnatas em troca de uma mísera cesta básica ou de um salário mínimo adequado apenas à perpetuação e reprodução da espécie *Homo laborans*.

Os capitalistas e o governo federal predicam aos trabalhadores assalariados e aos camponeses pobres o “medo” diante do novo e a “esperança” na melhora do velho. Medo e

---

<sup>1</sup> Dados disponíveis em <http://www.dieese.org.br/rel/rac/salminMenu09-05.xml>. Acesso em 09 de outubro de 2011 às 11h37min.

esperança são mecanismos psicolinguísticos usados para enganar os seguimentos mais pobres da sociedade e afastá-los da possibilidade de compreensão e transformação da realidade.

## O PARADOXO

Ao teorizar sobre os esportes como meio de inclusão social, a partir de outro olhar imerso na crítica da realidade concreta, entendo que a inclusão social dos trabalhadores só será realizada pelos próprios trabalhadores e quando eles se apropriarem dos meios de produção e da máquina do Estado com a qual, além de erradicarem a corrupção própria desta sociedade, educarão as novas gerações com políticas verdadeiramente públicas de educação e esportes.

É fato que o capitalismo enquanto modo de produção da existência, não é, não foi e não será capaz de harmonizar as suas relações de produção com a sua capacidade técnica; a mecanização, que poderia eliminar progressivamente a força humana de trabalho do processo de produção material, acabaria decretando o fim do sistema. Mas o capitalismo pode elevar ainda mais a produtividade do trabalho, ampliando a dependência das populações subjacentes. De fato, a equação progresso técnico = crescente riqueza social (o crescente PNB!) = servidão ampliada é a lei do progresso capitalista. A exploração proclama a sua justificação no cantante aumento do mundo de bens de consumo e de serviços; as vítimas são a submersão em despesas cada vez maiores e os acidentes na estrada para a boa vida (MARCUSE, H. *Contra-revolução e revolta*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. p. 13).

Os teóricos dos esportes, notadamente aqueles que, por ignorância ou dolo, os desvinculam da política e que se reportam sobre os esportes como *meio de inclusão social*, negando os esportes como “narcose do povo” conseguem ocultar que eles são usados como meio de despolitização da vida pública. A tríade religião, carnaval e esporte espetáculo, narcose contemporânea é usada para gerar conformismo no povo, reagir positivamente aos logotipos e marcas, divulgando-as e comprando seus produtos.

Neste cenário, os esportes espetáculos (como o futebol, o judô e o voleibol) em seu conjunto voltam à cena política no pós-1985 e notadamente nos anos iniciais do século XXI como nova “religião sem conteúdo e incapaz de estruturar algo” (REDEKER, R. *O ópio do povo*. In Carta Capital, 22 de agosto de 2001, Ano VIII, nº 153. 2001, p. 68-69).

Na cidade do capital parece ser utópico pensar outro papel político para os esportes que não seja o entorpecer crianças, adolescentes, adultos e idosos. Outra política para os esportes é possível, ela deve coadjuvar o processo de organização dos movimentos populares por intermédio de atividades que estimulem a antítese da competição e do individualismo: o coletivismo e a cooperação, atividades contra-ideológicas que devem ser a tônica da política esportiva onde o “ser” se insurge contra o “ter” e a vida terá um novo significado.

As atividades esportivas devem transmitir outros valores historicamente definidos como imprescindíveis à instalação de outro modo de produção da existência, assim sinceridade, lealdade, fidelidade, coragem, generosidade e honra – são os princípios éticos de um determinado código de conduta onde honrado é todo aquele que cumpre seus compromissos e que jamais promete o que sabe que não pode cumprir.

## O SÉCULO DOS ESPORTES: ALIENAÇÃO E REPRODUÇÃO

Se for verdade que para romper as cadeias do trabalho alienado, os esportes podem ajudar o homem trabalhador a demolir suas ilusões antropomórficas, ilusões de classe, então resta perguntar: o que fazer?

Outra lógica esportiva é possível se fundada no compromisso político com a causa da emancipação política e humana dos trabalhadores brasileiros e latino-americanos; outra lógica destinada a demolir a ideologia neoliberal como ideologia oficial da cidade do capital. Tais afirmações clamam por outro tipo de ponderação, a luta dos movimentos sociais deve ser dirigida contra a base estruturante da ideologia capitalista, o modo de produção da existência apontado como destino inexorável da humanidade.

O capitalismo enquanto processo de dominação de classe, exerce também essa dominação pelos e nos esportes. Não esqueçamos que a dominação burguesa representa a universalização de uma gigantesca máquina de ilusões e meta de um hediondo modo de produção da existência onde o imperativo primeiro é implantar uma rede implacável de patrulhamento coletivo e de patrulhamento individual capazes de impedir qualquer tipo de fuga das cadeias do capital “e de colmatar qualquer tentativa de pôr em causa a sua legitimidade política, jurídica e moral” (NEGRI, T. e GUATTARI, F. *Os novos espaços de liberdade*. Coimbra: Centelha, 1987. p. 6).

A crítica ao uso dos esportes como fonte de entorpecimento intelectual e brutalização das torcidas organizadas, dos praticantes e dos atletas é apenas uma pequena demonstração da discordância de quem se mantém fiel aos princípios não abalados pelos ventos do neoliberalismo, princípios que resistiram altaneiros à queda do muro de Berlim e à farsa revisionista que desde o anoitecer de 1953 se apoderou dos Partidos Comunistas *urbi et orbi*.

Portanto, é urge dizer:

**Não** à ideologia do levar vantagem em tudo; **não** à sociedade que põe preços nas coisas e nas pessoas, onde quem mais tem é que mais vale e que vive melhor; **não** ao mundo que gasta milhões de dólares por minuto com armas de guerra e práticas esportivas diversionistas, enquanto mata por minuto mais de 30 crianças de fome ou de doença curável; **não** à cidade perversa em forma e essência, perversa porque nela a pobreza é multiplicada para que a riqueza também se multiplique; **não** à cidade perversa onde são multiplicadas as armas que garantem a riqueza da

minoria e que mantêm à margem a maioria de pobres e miseráveis (GALEANO, E. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 1991).

Desaponta-me ouvir grotescas afirmações que o século XXI seria o século dos esportes. E mais ainda, surpreende-me que professores doutores e pesquisadores conhecidos, ousem afirmar este país como um paraíso onde a política pública esportiva prepondere sobre outras políticas realmente prioritárias e estratégicas como a política de educação, reforma agrária, segurança, trabalho e saúde. Esquecidos do que realmente é prioritário neste país, os discursos sobre os esportes higienizados da política proferidos diuturnamente por ridículos pícaros da República transformam os esportes em valores de troca, produtos rentáveis, mercadorias vendáveis e palatáveis à mediocridade consumista da sociedade brasileira.

Enquanto agentes públicos, esses velhacos, enganadores do povo deveriam estar comprometidos com a crítica profunda da sociedade capitalista, isto é, crítica radical dos esportes espetáculos, eis que foram transformados em mercadorias baratas na cidade do capital.

## **ESPORTE DE DIREITA E ESPORTE DE ESQUERDA**

Este questionamento se exerce sobre outro engodo, falsa dicotomia que precisa ser desmistificada. Assim como não existe um esporte escolar e um esporte não escolar, inexiste um esporte neutro e um esporte engajado! Não existe um esporte capitalista e um esporte socialista, tal como não existe um esporte de direita e um esporte de esquerda. A par disto, pergunto:

É diferente em forma e essência o judô praticado em Cuba, na França, na República Popular da Mongólia, nos países da ex-União Soviética e na Alemanha capitalista?

Os esportes tanto na escola como fora dela, aqui e alhures, são usados como meios de propagação dos valores dominantes de uma época que, a rigor, são os valores da classe dominante. Como já se disse a classe social que domina os meios de produção material, domina, ao mesmo tempo, os meios de produção intelectual. Os valores dominantes no âmbito esportivo são os valores da burguesia.

Não há um esporte de esquerda e um esporte de direita, mas apenas o esporte servindo a uma ou outra classe social como instrumento de propaganda e método de inculcação de suas idéias. No caso em tela, os valores divulgados e inculcados pela prática sistemática dos esportes são os valores dominantes no presente histórico, grosso modo, ditos como valores neoliberais.

Para minimizar a desilusão e a perda de esperança dos operários e trabalhadores assalariados não basta complementar a sua ingestão alimentar, ainda que maior quantitativamente e melhor qualitativamente. Talentos detectados entre os filhos e filhas dos operários e trabalhadores com renda mensal em torno de dois salários mínimos, com desjejum apenas café, devem ser



categorizados como “aberrações da amostra” ou amostras excepcionais que não refletem o quadro total, portanto, não servem para explicar a regra geral.

No país do *Homo famelicus* onde o salário mínimo corresponde aos irrisórios R\$ 545,00 reais<sup>2</sup>, um governo sério e funcionários públicos comprometidos com a população trabalhadora não deveriam investir na “detecção de talentos” esportivos ou pela geração de futuros “misólogos”<sup>3</sup> de Platão, “guarda-costas” de Aristóteles ou “brutamontes” de Adorno, mas investir:

Na quadruplicação do salário mínimo; na prevenção das doenças da infância mal-nutrida; na erradicação dos focos de agentes patogênicos causadores do dengue, da tuberculose, da sífilis, da febre amarela etc.; no tratamento das crianças infestadas por verminoses múltiplas (*ancilóstomo duodenallis*, *strongilóides stercorallis*, *ascaris lumbricóides*, *taenia sagginata* etc.), que contra-indicam temporariamente a prática de atividades esportivas. Enfim, o governo deveria investir no diagnóstico e tratamento precoce de problemas orgânicos que também contra-indicam absolutamente a prática esportiva (prolapso de válvula mitral, comunicação interventricular, estenose aórtica, cardiomegalia etc.).

No governo que investe menos de 0,02% do Orçamento Geral da União em esportes e menos de 3% desse mesmo Orçamento em educação, políticas públicas de esportes são jogadas eleitoreiras e demagógicas. Nuvem de fumaça para ocultar a pobreza econômica e a miséria social

A não compreensão das causas que determinam a retrogradação da política transformada em politicalha neste país tem conduzido a maioria das pessoas à prática de ilações desprovidas de fundamentação epistemológica e filosófica sólida. Em tempo de apostasia, contra os pícaros da República, sou cingido à crítica das três funções dos esportes cujo ridículo objetivo doutrinário é promover o resgate da política romano do “pão e circo”: a *detecção de talentos*, a *inclusão social* e o *esporte educação* (Esta tríade está Disponível em [www.portalesporte.gov.br](http://www.portalesporte.gov.br)).

## **DETECÇÃO DE TALENTOS**

Sobre a política de detecção de talentos esportivos, eu diria ser preciso inicialmente esquadrihar qual o percentual de crianças desnutridas frequentando a rede pública escolar ou qual o percentual de crianças brasileiras não tem uma ingestão protéico-calórico-mineral necessária ao seu crescimento e desenvolvimento. Inexiste estatística a respeito. Não obstante a ausência de dados estatísticos continua-se a tratar a relação esporte e nutrição como de menor significação Procura-se esconder um fato irretorquível, a ignorância sobre o estado nutricional das crianças brasileiras (condição determinante de sua saúde).

---

<sup>2</sup> Dados disponíveis em <http://www.dieese.org.br/rel/rac/salminMenu09-05.xml>.

<sup>3</sup> Aquele que apresenta misologia, ou seja, indivíduo a quem o raciocínio lógico causa irritação ou enfado ou ainda, aquele que tem aversão à lógica, ao raciocínio lógico, ao discurso lógico, à razão, à arte do raciocínio, da reflexão e da crítica levada às suas últimas conseqüências.

Na ausência de estatística e conhecimento sobre a deficiência nutricional das crianças alcançadas pelas políticas do governo federal, as atividades esportivas desenvolvidas não têm caráter científico, mas anticientífico, pois em alguns casos essas atividades desviam o fluxo protéico para a produção de energia necessária à contração muscular, em franco prejuízo do desenvolvimento do sistema imunológico, da produção de neurotransmissores, da reparação muscular etc.

Quando alguém fala de detecção de talentos é óbvio que o faz encimado na velha tríade *esporte educação*, *esporte participação* (lazer, passa tempo, distração) e *esporte competitivo* (espetáculo, alto rendimento, mercantilismo, mercenarismo) o que, por sua vez, ratifica a suposta existência de um esporte escolar e um esporte não escolar, ambos com meios e fins antagônicos. Esta é uma espécie de ensopado teórico feito com sobras de diversas teorias ou mais uma mentira eclética de presunçosos especialistas em dividir para a burguesia comandar.

*Distração, espetáculo, mercantilismo e mercenarismo* são os principais mecanismos usados pela burguesia para criar ilusões nos homens e mulheres e mantê-los afastados da compreensão da realidade.

Em primeiro lugar, eu diria que o homem *distraído* é o portador de falta de concentração dos sentidos no que se passa à sua volta, desatento. Acontece que etimologicamente do latim *distractio* é divisão, separação, desunião, afastamento, derivado de *distractum*, ou seja, destruir um todo em partes, rasgar, dividir, vender a retalho. O que me leva a considerar que distração é modernamente usada no sentido de dividir e desviar a atenção das pessoas do que ocorre à sua volta, fazendo-as ignorar a realidade para, ignorando-a, não possam compreendê-la e transformá-la.

Em segundo lugar, o *espetáculo* é qualquer apresentação pública de teatro, canto ou dança, e esportes num palco, numa arena, numa quadra, num ginásio, num campo, em praça pública, na deformação do “*do-jô*” etc. No estrangeirismo (palavra ou expressão estrangeira usada no vernáculo, tomada como tal e não incorporada ao léxico da língua receptora) é conhecido como *show* (invariavelmente pago), onde o que os atores vão receber é mais importante que a mensagem política pedagógica que o espetáculo pode passar. Diante do que vão receber em reais, os autores conferem ao valor paidêutico ou educativo do espetáculo uma menor significação.

Em terceiro lugar, o *mercantilismo* é a propensão a sujeitar ou relacionar qualquer coisa ao interesse comercial, ao lucro, às vantagens financeiras ou pecuniárias. É ainda caráter mercantil, espírito de negociante, negociata, gosto pelo comércio. Na história econômica, o mercantilismo, teoria e sistema de economia política dominantes na Europa após a *débâcle* do feudalismo, baseado na acumulação de divisas em metais preciosos pelo Estado por meio de um comércio exterior de caráter protecionista e de rapina, fortaleceram o colonialismo, ou seja, a expansão dos países capitalistas centrais e proporcionaram o desenvolvimento industrial desses países, com resultados

lucrativos para as suas balanças comerciais e drásticos, grosso modo, hediondos e catastróficos para os países colonizados, vistos como áreas extrativistas a serem dominadas e espoliadas até a última raiz.

O *mercenarismo*, os dicionários da língua pátria reportam, o mercenário é todo aquele ou aquela que sempre age ou trabalha apenas por interesse financeiro, por dinheiro ou algo que represente vantagens materiais pessoais, interesseiro e venal. Em outras palavras, o *mercenarismo* é a qualidade, caráter ou atitude de quem é mercenário, de quem age, trabalha ou serve apenas por interesse financeiro individual.

## A FALÁCIA DA INCLUSÃO SOCIAL

Desatento à história e ignorando as advertências da epidemiologia, cego mentor do desregramento econômico, o governo da cidade do capital montado sobre a moderna demagogia, incorpora propostas vencidas noutros países como é o caso das políticas afirmativas ou de inclusão social. É contraditório ou paradoxal postular a determinação sem erradicar o fulcro da negação. Antes de apontar os esportes como meio de inclusão social, dever-se-ia responder de forma genérica a uma questão que, a meu juízo, tem importância ímpar e que os intelectocratas não respondem: esportes para quê, para quem, contra quem e quais esportes?

A falação sobre políticas públicas de esportes direcionadas à *inclusão social* de crianças e de adolescentes não diz onde serão incluídas (certamente no mercado para serem exploradas como força de trabalho barata), nem por que se encontram excluídas e nem quem as excluiu.

A falação que aponta os esportes como antídoto ao *processo de exclusão social* inerente ao capitalismo, apenas esquece que nenhuma prática esportiva, neste país, serviu de alavanca para reverter quadros sociais de miséria, desemprego, violência urbana e rural e de “vulnerabilidade social”. Esportes não substituem os partidos políticos e os sindicatos na luta em defesa da dignidade dos trabalhadores!

A *inclusão social* é um enganoso discurso quando mantém às escuras as causas da exclusão. Esportes como fator de *inclusão social* é discurso enganador verossímil à hipócrita fala reacionária da direita sobre a humanização das favelas.

Hipócrita porque conhecer a exclusão social em si mesma, mas não nas causas que a explicam, é conhecê-la apenas pelos sentidos e não pela razão, que descobre as conexões entre o dado imediato da experiência sensível e os princípios, razões ou causas que, no dado imediato, se acham implicitamente contidas.

A *inclusão social* centrada no dado imediato (crianças e adolescentes excluídos), deixando ocultas as causas e razões dessa exclusão, por melhores que sejam as intenções dos autores serão absolutamente ineficazes, pois não assumem o conhecimento prévio da natureza do processo de

exclusão e das causas históricas e sociais que o determinam. Passado o ufanismo das urnas e da síndrome pós-pan-americano, retorna o processo de exclusão no curto e no médio prazo.

A política de *inclusão social* pelos esportes é tão somente o disfarce da preparação das novas gerações, aquietadas, para o mercado capitalista cada vez mais excludente. Enquanto o operário for assalariado, ou seja, enquanto for obrigado a trabalhar para outrem a sua sorte dependerá do capital manipulado pelos agiotas oficiais da ciranda financeira internacional.

A *inclusão social* dos filhos e filhas da classe operária não depende de políticas públicas de esportes, mas de uma política econômica com nova essência construída e operada pelos próprios operários para transformar este país numa grande pátria socialista.

Qual é o significado prático de um projeto de *inclusão social* pelos esportes na cidade onde os capitalistas lutam entre si para ver quem despede mais soldados da indústria, fazendo-os engrossar o já numeroso exército industrial de reserva?

Qual é o significado prático de uma política pública de esportes como suposto mecanismo de inclusão social numa sociedade onde as indústrias fazem largo uso das demissões em massa para incrementar, pelo terror, a mais-valia relativa (maior produção no mesmo lapso de tempo) e a mais-valia absoluta (produção aumentada em função do aumento da duração da jornada de trabalho)?

Aos esportes como centro de humanização, antecipa-se outro tema, o que significa *educação inclusiva* na cidade onde, como apontou Marx:

Uma floresta de braços que se levanta para pedir trabalho, cada vez mais densa, e que os próprios braços que a formam se tornam cada vez mais magros. Senhor distinto e bárbaro ao mesmo tempo, o capital arrasta consigo para o túmulo os cadáveres de seus escravos, hecatombes inteiras de operários que sucumbem nas crises (MARX, K. *Textos filosóficos*. São Paulo: Editora, Mandacaru, 1990. p. 44).

*Inclusão social* pressupõe igualdade de condições e liberdade de escolha, de sorte que, em linguagem filosófica, a liberdade começa onde o trabalho deixa de ser determinado pela necessidade exteriormente imposta. A liberdade começa onde a produção material se situa no reino da necessidade. E só além dele (do reino da necessidade) começa o verdadeiro e pleno desenvolvimento das forças humanas como um fim em si mesmo, o reino genuíno da liberdade, o qual só floresce tendo por base o reino da necessidade. A condição fundamental do desenvolvimento humano é a redução da jornada de trabalho (MARX, K. *O capital*, 1.3, v.6. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. p. 942).

O que significa realmente uma política pública de esporte para *inclusão social* na cidade onde a subordinação permanente do trabalho ao capital é o *leitmotiv* da política voltada exclusivamente à centralidade do lucro sobre o trabalho?

Apenas noutra formação social e econômica antitética ao capitalismo, não baseada no lucro ou no trabalho não-pago como fonte da desumanização, é que o trabalhador poderá sentir o seu labor como fator e parte necessária do processo de humanização, isto é, artes, lazer e rega-bofe compõem o toque final do livre desenvolvimento de todos.

Na sociedade onde o desfeito se refaz, os ideólogos da burguesia deturpam o caráter e as leis do desenvolvimento histórico mistificando as massas pela parca fraseologia da propaganda política. Sem embargo, procuram dissimular (1) os antagonismos e as contradições sociais iminentes à sociedade de classes; (2) as taras insanáveis do mundo capitalista contemporâneo; (3) a narcotização da consciência social; (4) a paralisação da vontade dos trabalhadores na luta pela construção de uma sociedade qualitativamente nova.

Não acredito na dissociação entre o intelectual e o militante, do mesmo modo que não aceito a tese da pobreza voluntária, isto é, uma mitigada mescla de epicurismo<sup>4</sup> e estoicismo<sup>5</sup>, para que se possa alcançar a compreensão da intensidade da exploração à qual está submetida à classe operária (NEGRI, T. *Exílio*. São Paulo, Editora Iluminuras, 2001).

É tarefa de a crítica marxista discordar dos discursos que escamoteiam o conluio de burocratas com os ladravazes do erário, conluio que tem produzido (1) a riqueza ampliada ao lado do abandono da saúde e da educação, (2) aumento da deliquescência urbana e do desemprego; (3) deficiência e falência do sistema de transportes públicos a partir da sua inconseqüente privatização;

---

<sup>4</sup> O epicurismo é o sistema filosófico de Epicuro de Samos filósofo ateniense (341-270 a.C.), caracterizada por uma concepção atomista e materialista da natureza, pela busca da indiferença diante da morte e uma ética que identifica o bem aos prazeres comedidos e espirituais, que, por passarem pelo crivo da reflexão, seriam impermeáveis ao sofrimento incluído nas paixões humanas. Em outras palavras, Epicuro acreditava que o maior bem do homem era a procura pela realização de prazeres modestos de forma a atingir um estado de tranquilidade ou imperturbabilidade da alma (*ataraxia*), libertação do medo, ausência de sofrimento corporal (*aponia*) através do conhecimento do funcionamento do mundo e da limitação dos desejos. A combinação desses dois estados constituiria a felicidade na sua forma mais elevada. Embora o epicurismo seja doutrina muitas vezes confundida com o *hedonismo* (já que declara o prazer como o único valor intrínseco), a sua concepção da ausência de dor como o maior prazer e a sua apologia da vida simples tornam-no diferente do que vulgarmente é conhecido como "*hedonismo*". Vale aqui acrescentar o Paradoxo de Epicuro: Para Deus e o Mal continuarem existindo ao mesmo tempo é necessário que Deus não tenha uma das três características: 1) Se for onipotente e onisciente, então tem conhecimento de todo o Mal e poder para acabar com ele, ainda assim não o faz. Então Ele não é Bom. 2) Se for onipotente e benevolente, então tem poder para extinguir o Mal e quer fazê-lo, pois é Bom. Mas não o faz, pois não sabe o quanto Mal existe, e onde o Mal está. Então Ele não é onisciente. 3) Se for onisciente e Bom, então sabe de todo o Mal que existe e quer mudá-lo. Mas isso elimina a possibilidade de ser onipotente, pois se o fosse erradicava o Mal. E se Ele não pode erradicar o Mal, então por que chamá-lo de Deus?

<sup>5</sup> Doutrina filosófica de *Zenon de Cítio* (335-264a.C.) que se caracteriza por uma ética onde a imperturbabilidade, extirpação das paixões e aceitação resignada do destino, são as marcas fundamentais do homem sábio, o único apto a experimentar a verdadeira felicidade. O estoicismo propõe viver de acordo com a lei racional da natureza e aconselha a indiferença (*apatheia*) em relação a tudo que é externo ao ser. O homem sábio obedece à lei natural reconhecendo-se como uma peça na grande ordem e propósito do universo, devendo assim manter a serenidade perante as tragédias e coisas boas. O estóico é aquele que revela fortaleza de ânimo e austeridade, impassível, imperturbável. A *Stoa Poikile* (*Pórtico Pintado*) era o antigo edifício da ágora de Atenas, construído durante o século V a.C. e local onde *Zenon* se reunia regularmente com seus seguidores e fazia suas palestras. Daí surgiu a escola filosófica que veio a ser denominada de estoicismo exatamente devido ao termo *Stoa*.

(4) exportação *ad aeternum* das riquezas naturais; (5) os meios de informação de massas que aviltam e cretinizam a personalidade humana.

Compreender a dinâmica histórica da cidade do capital é de fundamental importância à compreensão da abordagem sobre a afirmação da tese onde o judô aparece como fator de inclusão social em substituição ao trabalho como processo humanizador da totalidade absoluta daqueles que por um aborto histórico não detêm nada de seu além de própria força de trabalho.

O trabalho não é para o homem somente necessidade inevitável, mas liberdade em relação à natureza; seu criador como ser social independente (FROMM, E. *Psicanálise da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975).

O homem ao acionar o processo de trabalho transforma e molda a natureza, e por ela é moldado e transformado. Neste caso, não se pode esquecer que o trabalho aparece, inicialmente, como enfrentamento do homem segundo sua organização corporal com a natureza, e nessa relação há um progressivo acúmulo de conhecimento sobre ela. O trabalho é um processo dialético entre os dois elementos, em que o primeiro se realiza e controla o segundo mediante sua própria ação, sendo o controle da ação um mecanismo condicionante das forças psíquicas e físicas do primeiro. O homem põe em ação as forças naturais que formam sua organização corporal, braços, mãos e cérebro, para, deste modo, assimilar como forma útil para sua própria vida os materiais da natureza.

Quando falo sobre determinada política de inclusão social não esqueço que, não apenas uma diminuta minoria, mas todos os homens devem estar em condições de poder viver e para viver e fazer história é necessário, antes de tudo, beber, comer, ter um teto onde se abrigar e vestir-se. Neste caso, pode-se afirmar que “o primeiro fato histórico é a produção dos meios que permitem satisfazer essas necessidades, a produção da própria vida material” (MARX, K. e ENGELS, F. *A ideologia alemã (Feuerbach)*. São Paulo: Ciências Humanas, 1979. p. 26).

Por que discutir os esportes como meio de *inclusão social* onde e quando milhões de homens e mulheres trabalhadores alijados do processo produtivo não conseguem produzir a própria vida material?

Não há *inclusão social* enquanto o rega-bofe for direito apenas da classe dominante. Para não cair na quimérica abstração a *inclusão social* deve ser pensada como defesa intransigente da humanização plena dos trabalhadores não apenas pelo trabalho, mas pelo acesso ao supérfluo e ao rega-bofe como zona de disparo do processo humanizador. Nesta quadra vale resgatar uma questão:

O operário que durante horas a fio, perfura, torneia, constrói, cava, transporta etc. considera essas horas de trabalho no torno, de pedreiro, cavador ou mula de carga, como manifestação de sua vida, como sua vida ou será que, pelo contrário, apenas quando terminam essas horas de incessantes atividades é que começa sua vida, sentado à mesa de um bar, no boteco, no convívio com sua família e amigos?

No livro três de *O Capital*, está escrito:

O reino da liberdade começa onde o trabalho deixa de ser determinado por necessidade e por utilidade exteriormente imposta; (...) [a produção material] situar-se-á sempre no reino das necessidades. Além dele começa o desenvolvimento das forças humanas como um fim em si mesmo, o reino genuíno da liberdade, o qual só pode florescer tendo por base o reino da necessidade. E a condição fundamental desse desenvolvimento humano é a redução da jornada de trabalho (MARX, K. *O capital – livro 3, volume 6*. 3ª edição. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1981. p. 942).

Um projeto político de *inclusão social* deve pressupor que os trabalhadores, em primeiro lugar, não mais vendam sua força de trabalho, sejam proprietários dos meios e dos instrumentos de produção, não trabalhem para outro, mas para si mesmos; e, em segundo lugar, que a partir daí dispõem da produção intelectual e cultural esportiva com a qual completará de forma plena sua humanização.

## **O ÚTIL E O INÚTIL: QUE FAZER?**

No capitalismo o útil para o trabalhador é o estritamente necessário à conservação da sua vida biológica, à sua sobrevivência enquanto animal de carga, o restante, inclusive os esportes, é considerado como desnecessário, inútil (CORBISIER, R. *Introdução*. LEFÉBVRE, H. *Metafilosofia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. p. 56).

Há aqui um pequeno paradoxo: se a vida propriamente humana só começa a partir do momento em que os homens realizaram suas necessidades meramente animais e se só é considerado útil o que atende a essas necessidades, então, a vida propriamente humana só começa a partir do momento em que os homens começam a fazer coisas inúteis.

Sem embargo, se o centro da humanização não é o útil, mas o inútil; uma vez que o útil é apenas o que torna possível o inútil. Então o essencial para o ser humano não é o útil, mas o inútil, não é o indispensável, mas o supérfluo.

Por exemplo, fala-se sobre os esportes como meio de *inclusão social*, mas não se fala e nem se estuda a concepção filosófica política que suporta esses esportes, ela permanece inútil e inócua aos professores de educação física em particular e aos professores em geral que precisam do conhecimento para programas e deslançar ações inovadoras e revolucionárias à consecução da verdadeira e plena *inclusão social*.

O discurso sobre os esportes como instrumento de *inclusão social* encobre que a moral burguesa, “uma lamentável paródia da moral cristã”, ao suprimir as alegrias do trabalhador e anular suas paixões, está a condená-lo à condição de máquina obsoleta ou modernizada a trabalhar sem

trégua e nem piedade (LAFARGUE, P. *O direito à preguiça e outros textos*. São Paulo: Mandacaru, 1990. p. 13).

Como pensar a efetiva inclusão social na cidade onde predominam a dor e a miséria? Os intelectuais da educação física, sobretudo aqueles cuja formação intelectual é livresca e teórica, confundem as coisas da lógica com a lógica das coisas, ou seja, acreditam na falácia sobre os esportes para todos os trabalhadores. Não sabem ou não querem saber que as facetas sofisticadas da cultura física e esportiva, em particular, e da cultura, em geral, produzida e acumulada historicamente, são inacessíveis por todos os homens e mulheres na cidade do capital.

Os esportes como fator de *inclusão social* está estribado numa concepção de mundo equivocada que isola o fenômeno das relações sociais de produção que os determinam, acabando por apresentá-los como faceta de uma cultura construída fora do modo de produção capitalista.

Que proletário que pode acessar as facetas mais sofisticadas da cultura esportiva e das artes em geral? Que operário pode se dá ao desfrute de passar uma tarde de não trabalho num sofisticado *restaurant* ou numa *fromagerie* de um *shopping center* onde o luxo suntuoso se exerce pelo consumo conspícuo?

O estímulo ao consumo pelas camadas mais pobres e classe média por intermédio do sistema financeiro que lhes empresta recursos impagáveis, apenas sanados pelo consignado; é a forma que os lacaios da capital encontraram (1) para criar a ilusão de migração dos pobres para a classe média e (2) para mitigar a principal e insolúvel contradição do capitalismo entre “o caráter social da produção e a apropriação privada dos produtos pelos donos dos meios de produção.

Diante da tendência da queda da taxa de lucros os lacaios da capital adotaram a expansão do crédito para fomentar o consumo, estimulando a ciranda financeira especulativa que conduz à crise cujas causas foram cientificamente explicadas por Marx. Vale dizer que a crise em andamento neste momento na Europa (Grécia, Itália, Espanha, França e Portugal) nada tem a ver “com as imbecilidades formuladas pelos assessores trotskistas” e repetidas acriticamente pelo Presidente metalúrgico e agora repetidas pela Presidente, “que culpam os mega-especuladores de a terem provocado” (ARRUDA, F. *Para petistas e demais oportunistas, outro capitalismo é possível*. Jornal A Nova Democracia, Ano VII, nº 51. Março / Abril de 2009)

Portanto, é reacionária a postulação da *inclusão social* por intermédio dos esportes. Os valores transmitidos / ensinados pelos esportes, ainda que não de forma direta, não contemplam as mudanças necessárias à construção de uma nova sociedade. Na cidade do capital os professores de educação física que afirmam os esportes como momentos de superação da alienação, são culpados pelo processo de alienação ainda em vigor.



O processo de *inclusão social*, a humanização plena de homens e mulheres, não se evidencia na prática de um esporte qualquer, mas na revolução como elemento saporoso das fundações da cidade do capital e germe de uma nova sociedade, a sociedade comunista.

Ausente de crítica radical da sociedade burguesa as políticas públicas esporte para a *inclusão social* são apenas usadas “para mitigar as penúrias das classes oprimidas” que “improvisam sistemas e se entregam à busca de uma ciência regeneradora” (MARX, K. *Miséria da filosofia*. Moscou: Progresso, 1979. p. 102).

Na cidade do capital, não há o esporte pelo esporte, a arte pela arte, o jogo pelo jogo. Mas o esporte político, a arte não realista, também política, e o jogo da política. O resto é falar barato!

## MEIO DE EDUCAÇÃO

Sobre os esportes como meio de educação, onde educar significa formar, imprimir na matéria humanizável a forma humana específica ou peculiar a determinada sociedade, há as seguintes questões: é possível pretender pelos esportes formar seres humanos fazendo-os habitar o caos e não o cosmo; é possível transformar o mundo a chutar bolas?

Na cidade do capital os esportes funcionam como mecanismo de distração e diversão imprescindível à *narcolepsia* coletiva da juventude brasileira. Além de instrumento de *ascensão social* de uns poucos geneticamente privilegiados, os esportes são sérios obstáculos à compreensão crítica do incremento incontrolado da *exclusão social*. Neste sentido pergunta-se: quais foram e quais são os esportes que neste país as crianças pobres podem acessar como meio de *inclusão social*, ainda que não se saiba bem onde, como e nem para que?

A dimensão política da prática esportiva serve como justificativa das diferenças sociais, diferenças entre as classes fruto das acentuadas desigualdades históricas entre os homens, construídas no longo transcurso da história da humanidade agravando-se ao ponto de catástrofe no capitalismo.

Os esportes como meio de educação abordados nas universidades por intermédio de uma retórica enfadonha, supostamente crítica e rigorosa, proferida por intelectuais donos da sabedoria imaginária, tal como os adversários de Sócrates ignoram e não sabem que ignoram, padecendo, portanto, de dupla ignorância, a mais grave de todas.

Os portadores de uma dupla ignorância não percebem que o neoliberalismo é o mais novo eufemismo de corrupção desenfreada, privatização, pilhagem privada, destruição de soberania e aniquilamento da Nação. Por suposto, também não conseguem perceber que o livre mercado é a transferência perdulária e criminosa de recursos públicos para o bem estar da burguesia industrial e financeira autóctone e alóctone.

Moto contínuo eles não conseguem apreender intelectualmente que o superávit primário é o nome safado usado para disfarçar o dinheiro raspado, confiscado aos trabalhadores para pagar os juros dos banqueiros internacionais. E para fazer o superávit o governo da República resgata uma excrescência política e financeira conhecida como DRU a retirar da saúde e da educação 20% de suas receitas brutas asseguradas no Orçamento Geral da União.

Dependurados nas tetas do governo, a grande maioria dos intelectuais procura ocultar a dimensão política de classe do governo federal e das ciências sociais, da educação e da Universidade enquanto instrumentos ideológicos da maquinaria estatal capitalista (ALTHUSSER, L. *Sobre a reprodução*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 253).

Negam para proveito próprio que os capitalistas não são movidos por amor a todos os homens e mulheres, e nem pelos valores de uso, mas pelo lucro, pela extorsão mediante pressão do Estado. Desconhecem um simples detalhe apontado por Marx:

O capital tem horror à ausência de lucro ou ao lucro muito pequeno, como a natureza tem horror ao vácuo. Com lucro adequado, o capital cria coragem. Dez por cento certos, e fica assegurado seu emprego em qualquer parte; com 20%, infla-se de entusiasmo; com 50%, é positivamente audacioso; com 100%, calca a seus pés todas as leis humanas; com 300%, não se detém diante de nenhum crime, mesmo sob o risco da força. Se a turbulência e a cizânia produzem lucros, encorajará a ambas. Prova: contrabando e tráfico de escravos (MARX, Karl *O capital, livro I, volume 2*. São Paulo: Difel, 1982b, p. 879).

Progressistas no discurso, reacionários na prática! Verdugos da classe operária, inimigos explícitos da transformação revolucionária do capitalismo em socialismo (primeira etapa do modo de produção comunista). Os defensores dos esportes como meio de educação não poderiam esquecer que, produto e presa do mercado capitalista, a Universidade estatal está “destinada exclusivamente em tempos pacíficos a embrutecer os jovens cérebros com a sabedoria acadêmica de doutos catedráticos e a convertê-los em mansos criados da burguesia (LENIN, V. I. *Informe sobre a Revolução de 1905*. Obras Completas em cinquenta e cinco tomos, t. 30. 5.ed. Moscou: Progresso, 1985. p. 328).

Assentada na contradição do processo social ela, a Universidade estatal, ainda que paradoxalmente, cumpre dois papéis:

Durante as greves que paralisam setores da sociedade, inclusive algumas forças do governo, as Universidades abram suas portas e suas aulas se transformem em reuniões de operários, sindicalistas e trabalhadores assalariados (técnicos e intelectuais) que discutem aberta e livremente os problemas políticos (Idem, *ibidem*).

A propósito, basta observar esses intelectuais e/ou professores intitulados neoliberais, social-democratas ou progressistas, será que eles são, de fato, “os mais dotados de idéias, os mais

instruídos, os mais ‘desinteressados’, os mais livres da pressão direta dos interesses e da influência da burguesia”?. (Idem, *ibidem*).

Como será que se comportam esses homes e mulheres, os melhores, os mais instruídos, os mais desinteressados, logo que são guindados a postos de chefia, como é que utilizam o poder de administrar as Universidades que lhes foi conferido por eleição, consulta ou indicação?

Não é fato que todos eles se acovardam tementes que os movimentos docentes, discente e técnico-administrativo “endureçam e se ampliem, por isto, tratam logo de apagar o incêndio e procuram infundir tranqüilidade” (LENIN, V. I. *A greve política e as luta de ruas em Moscou*. Obras Completas em cinquenta e cinco tomos, t. 11. 5.ed. Moscou: Progresso, 1982. p. 366).

São eles os donos do pensamento monocrático hegemônico que convalida a desordem capitalista, o desmonte da pátria e a demolição da Universidade estatal. Suas ilações e práticas não mexem no núcleo irracional do modo de produção capitalista, cabendo-lhes as seguintes acusações:

Dizem uma coisa e praticam exatamente o contrário; deturpam a realidade para auferir e usufruir benefícios públicos ou privados; pregam isenção ideológico para praticar ideologias espúrias, ao passo com a consolidação de vínculo baseado no puro interesse e no mais explícito oportunismo; desconhecem facetas da realidade por conveniência própria; desatendem o senso comum, o conhecimento popular, para mistificar a realidade com “verdades” científicas; enfim, incentivam o ecletismo e o diversionismo ideológico, obstáculos ao entendimento e compreensão da realidade.

## **À PANACÉIA ESPORTIVA A REVOLUÇÃO!**

À apostasia não importa a relação educação, luta de classes e revolução. Ademais defende a tese segundo a qual não há, na atualidade, necessidade da revolução social no Brasil à medida que o próprio desenvolvimento do capitalismo irá conduzir a população mais pobre, trabalhadores assalariados e camponeses pobres sem terra a estágios mais avançados da humanidade. Tal afirmação encerra uma questão problemática:

Há na afirmação sobre a dispensabilidade da revolução um deslize revisionista à medida que não entende que uma revolução social significa troca violenta do modo de produção, da forma de governo e, sobretudo, do mando sobre os meios de produção material e intelectual. Uma revolução ou acontece de modo radical e por meios não pacíficos ou, então, é apenas, como dirá Robespierre uma “revolução sem revolução”.

Como diria Rosa Luxemburgo, “revoluções não conhecem meias medidas, não fazem compromissos, não rastejam, não se curvam. Revoluções precisam de intenções explícitas, princípios claros, corações decididos, homens completos”.

Por outro lado, quando a revolução é apontada como mecanismo histórico ultrapassado, é porque os exegetas esqueceram que, em primeiro lugar, todas as transformações sociais e políticas têm sido obra da força. Acontece que desde o momento que alcançou o máximo de dominação, este direito, segundo a burguesia não existe mais, caducou. A burguesia proscreve a revolução com medo que seja empregada contra ela a mesma força que utilizou em proveito próprio contra a monarquia. Eis o direito de resistência à opressão, direito à insurreição é abolido enquanto tal, no espírito e na letra da lei.

Por intermédio de uma gama enorme de aparatos ideológicos vinculados ao Estado, dentre eles os esportes, os intelectuais orgânicos da burguesia tratam de dissuadir / convencer o proletariado da ineficácia do método revolucionário não pacífico.

Se pela educação e pelos esportes é possível montar um contra discurso, no entanto, é bom não perder de vista que não se transforma o mundo a chutar bolas. Apesar desta certeza vale acrescentar que no ambiente esportivo e educacional o ideário prevalente representa o conjunto das idéias da classe dominante. Mas não é incomum ouvir alguém dizer ser possível mudar as condições precárias em que se encontra a maioria da população brasileira por intermédio de políticas públicas de esportes.

Sobre a revolução gostaria de dizer que sua alma política consiste na *tendência* das classes carentes de influência política superar seu *isolamento* com respeito ao Estado e ao *poder*. Neste caso, a revolução é mecanismo social necessário à dissolução da *velha sociedade*. Só a revolução conseguirá derrotar o *poder burguês*. A *revolução* está para além do ponto de vista do individualismo pequeno burguês e significa a dissolução das velhas relações de produção; e ato indispensável à realização do socialismo que necessita tanto deste *ato político*, quanto da dissolução da burguesia enquanto poder constituído.

Caminhando de forma coerente com a prática marxista, a *revolução* é a única forma possível de saída para a solução da contradição central do capitalismo: capital *versus* trabalho, produção socializada *versus* apropriação individualizada. Até hoje nenhum intelectual intitulado de esquerda demonstrou haver outra saída à resolução desta contradição.

Sou partícipe, daqueles agrupamentos de homens e mulheres que não se contentam com a doação de algumas cestas básicas, renda mínima, melhoras no campo e outros progressos altruístas pequeno-burgueses, senão que continuam partidários da *revolução social*.

## CONSIDERANDOS FINAIS

Não há nada de novo neste país sobre políticas de esportes. As existentes têm suas raízes no Decreto Lei nº 69.450/71, assinado pelo general Emílio Garrastazu Médici. E não há nada de novo à medida que as “sumidades” de cada esporte estão comprometidas por interesses pessoais com o

governo federal e com a iniciativa privada. A grande maioria aceitou ser propagandista, uma espécie bizarra de *outdoor* ambulante das multinacionais de produtos esportivos.

Os esportes sobre os quais os quadros da gerência PT-FMI a todo custo legislam não guarda lugar à solidariedade, à sinceridade e à fidelidade aos princípios, traços de um comportamento ético indispensável à demolição do capitalismo. Antes de apontar os esportes como meios de *inclusão social*, deveriam dizer claramente o que significa exclusão, quem são os excluídos, quem os excluiu e qual é o papel do governo face ao processo de exclusão continuada.

Acima de quaisquer falácias é preciso colocar, por exemplo, à discussão pública a relação entre a fome de milhões de brasileiros, a dívida pública (superior a três trilhões de reais<sup>6</sup>) e os esportes, para que estes não continuem sendo manipulados como “narcose” social ao passo com a religião, esta, quiçá, o mais terrível opiáceo ideológico dos pobres que ainda sonham com uma cama confortável e um prato de sopa quente, esperança que não morre jamais.

Divergimos daqueles que predicam a política de detecção de talentos no país do *Homo famélicus*, pois tenho não apenas como tarefa, mas como obrigação compreender com profundidade a realidade que quero transformar. Transformação que não ocorrerá de forma rápida. É certo! Mas também não acontecerá se não for *in extremis* e premida por uma prática social coletiva radical.

Pensar os esportes fora das relações sociais e do modo capitalista de produção da existência e, portanto, escoimados da política que por definição nada tem a ver com as diversas manifestações esportivas, é uma dantesca mistificação e ilusão de pequeno burguês. Mistificação e ilusão a serviço dos sátrapas e sibaritas que se apossaram das mentes e dos corações dos deserdados deste país.

Após anos de labuta acadêmica, entre 1989 e 2011, período da história moderna da humanidade sem a ex-União Soviética, a crítica marxista dos esportes tornou-se mais rigorosa e certamente não se esgotará neste estudo, mas deverá continuar como um alarido contra a *cultura do terror* posta na educação que ensina às crianças a mentira necessária, a hipocrisia, a deslealdade, a ausência de princípios, e contagia a tudo e a todos com a peste do medo.

A crítica marxista se exercerá também, indignada, contra os intelectuais da burguesia e a falsa esquerda fisiológica e sem princípios, estejam em que agremiação ou partido político estiverem.

Neste momento delicado da vida republicana brasileira, a crítica coloca como necessário afirmar a fé racional na possibilidade de um futuro melhor, sobretudo, na incansável luta pela reconstrução da radicalidade filosófica que reconhece as transformações históricas não como produto de façanhas heróicas de indivíduos isolados, mas, tão somente, produto das vagas humanas,

---

<sup>6</sup> Em maio de 2011 a dívida externa corresponde a US\$ 389.438.623.098,14 (389 bilhões, 438 milhões, 623 mil, 98 dólares e 14 centavos), enquanto a dívida interna gira em torno de R\$ 2.382.416.094.578,25 (2 trilhões, 382 bilhões, 416 milhões, 94 mil, 578 reais e 25 centavos). Dados disponíveis em <http://www.divida-auditoriacidada.org.br/>. Acesso em 09 de outubro de 2011 às 13h07min.

sem as quais não há processo revolucionário, não há transformação social, restando apenas o mórbido marasmo, apatia e abatimento moral, ausência de coragem, prostração ideológica e pasmaceira política.

Quase ao final deste estudo reforço as conclusões temporárias com as seguintes palavras, tomadas de Lenin, não estão perdidos os comunistas que não se deixaram dominar pelas ilusões e nem pelo desalento, mas conservam a força e a inflexibilidade do organismo para um repetido começar de novo quando encaram uma tarefa sempre mais difícil; esses comunistas não temem reconhecer os próprios erros, nem recomeçar para corrigi-los e um dia alcançar o verdadeiro objetivo, a sociedade de iguais, onde tudo é comum entre amigos, onde todos serão amigos.

Nesta sociedade então os esportes não serão mais negócios rentáveis cujo saldo é a “embriaguez” das consciências, mas instrumentos indispensáveis à construção da consciência comunista.

Se o lucro é a “narcose” dos ricos, a esperança e a ilusão a “embriaguez” dos pobres. E se o lucro é o objetivo fulcral das multinacionais da indústria cultural, então forçosamente expropriado cederá o lugar à realização da felicidade plena de uma sociedade onde os homens e mulheres trabalhadoras livres das amarras do capital puderem colher as flores vivas do campo.

O ato de “embriagar” as novas gerações de filhos e filhas da classe operária é imprescindível para impedir a transformação dos indivíduos e da sociedade. Tal ato não resistirá à força do movimento social e da teoria que têm em comum o proletariado como “classe para si” cônica do destino histórico e sobre o qual mantêm absoluta responsabilidade, tanto na sua preservação quando no seu desenvolvimento permanente.

Enfim, se as coisas nos parecem grandes deve ser porque continuamos de joelhos, então, levantemo-nos!